

Entre o empoderamento e a estigmatização: uma análise dos estereótipos raciais de Strong Black Woman, Mammy, Sapphire, Jezebel e Negro Mágico nos animes¹

Sabrina Kelly Roza²

Karina Gomes Barbosa³

Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, MG

RESUMO

Este estudo foi conduzido com referência a meu Trabalho de Conclusão de Curso⁴, Representação de mulheres negras nos animes a partir das personagens Sister Krone e Canary. O objetivo foi compreender como essas personagens eram representadas, quais eram seus papéis nessas narrativas e se carregavam consigo estereótipos raciais e entre outros. Para a pesquisa tive acesso a material disponível na internet como artigos, livros, teses de mestrado e doutorado que me proporcionaram uma compreensão do tema. Para o artigo em questão, quis trazer foco nos estereótipos raciais que estão presentes entre essas personagens na animação japonesa, que podemos destacar como sendo: Mammy, Strong Black Woman, Negro Mágico, Sapphire e Jezebel.

PALAVRAS-CHAVE: Animes; Estereótipos; Representação feminina; Cinema de animação; Interseccionalidade.

INTRODUÇÃO

As histórias em quadrinhos japonesas conhecidas popularmente como animes deram ao Japão grande visibilidade ao longo dos anos, com variados personagens que incluem seres fantásticos, animais falantes. Com uma diversidade de personagens representados, a indústria de animação japonesa tem conquistado seguidores todos os dias, cativando o público com sua narrativa única e estilo visual envolvente que agradam tanto crianças como adultos. Para Agostinho e Silva (2022, p.78), “os animes, ou desenhos japoneses, normalmente têm origem nos mangás, quadrinhos japoneses. Esses

¹ Trabalho apresentado no IJ04 – Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – XIX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Graduada do Curso de Jornalismo da UFOP - MG, e-mail: sabrinaroza78@gmail.com

³ Orientadora do artigo. Professora do Curso de Jornalismo da UFOP-MG, e-mail: karina.barbosa@gmail.com

⁴ Monografia apresentada no dia 31 de outubro de 2022 para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo a Universidade Federal de Ouro Preto, uma instituição acadêmica localizada na cidade de Ouro Preto e tendo outros campi adicionais em Mariana e João Monlevade.

mangás que são parte essencial do cotidiano japonês, abrangem os mais diversos temas e ensinam aspectos da cultura japonesa, ocidental e pop”.

Podemos perceber, então, que a relação entre anime e mangá é muito próxima, visto que a animação se deriva dos mangás e tem suas histórias adaptadas a partir deles. Além do mais, os mangás são uma expressão cultural muito importante do Japão, já que contam um pouco da história do povo japonês e propagam a cultura nacional. Com a grande propagação da cultura pop japonesa para além das fronteiras nipônicas houve a necessidade de representar povos e culturas que vão além daqueles tradicionalmente retratados nos animes.

No entanto, essas representações, principalmente as das figuras negras, ainda carregam consigo uma série de problemas e desafios. Uma das principais questões é a persistência de estereótipos raciais que envolvem as representações de personagens negros, especialmente personagens femininas. Esses personagens são retratados baseados em estereótipos ultrapassados devido à grande influência ocidental inserida no Japão após a Segunda Guerra Mundial. O corpo negro é muitas vezes representado de forma caricata ou sexualizada, o que contribui para representações ofensivas e prejudiciais, reforçando ainda mais os preconceitos e perpetuando ideias errôneas sobre toda a comunidade negra. Além disso, a falta de representatividade é um outro ponto enfrentado nas representações de personagens negros nos animes. Como a presença desses personagens é muitas vezes limitada e estereotipada, há poucas oportunidades de protagonismo e desenvolvimento de suas histórias individuais dentro da narrativa e isso leva à marginalização e sub-representação das experiências e perspectivas das mulheres negras nos animes como um todo.

REPRESENTAÇÃO E ESTEREÓTIPOS RACIAIS

Segundo Stuart Hall (2016, p.31), a representação está diretamente ligada à cultura à qual estamos inseridos, essa que produz símbolos que são compartilhados entre seus membros. A partir dessa troca é que as representações são produzidas a fim de se ter uma imagem ou uma pintura, que irá representar determinado objeto ou pessoa, por exemplo. No caso de representar mulheres negras nos animes é preciso entender que o Japão foi muito influenciado pela cultura estadunidense logo após a Segunda Guerra Mundial

(1939-1945). Naquela época, os Estados Unidos ainda viviam um período de intensa segregação racial, e a visão dos negros perpetuada pelos norte-americanos era carregada de estereótipos raciais e preconceitos. Essa influência cultural se refletiu nas representações problemáticas das mulheres negras nos animes, nos quais até hoje são retratadas de maneira estereotipada, com características físicas exageradas, como lábios grossos, cabelos crespos e pele extremamente escura, conhecida como pele retinta. Um exemplo de personagem feminina negra estereotipada atualmente é Sister Krone (figura1), do anime *The Promised Neverland* (2019), onde mulher carrega estereótipos das Mammys americanas:

Mas quem é Mammy e de onde ela veio? Seu corpo grande e escuro e seu rosto redondo e sorridente dominam nossa imaginação a tal ponto que representações mais precisas das mulheres afro-americanas murcham em sua sombra. Os atributos estereotipados de Mammy, uma voz sonora e reconfortante, risada estrondosa, infinita paciência, espírito de autodepreciação e aceitação implícita de sua própria inferioridade e devoção às crianças brancas todos apontam para uma confluência duradoura e problemática de racismo, sexismo e nostalgia sulista. (WALLACE, 2008, p.2).

Figura 1: Colagem de Sister Krone com traços faciais estereotipados.



Fonte: Autora.

Figura 2: Colagem com os traços físicos de Sister Krone



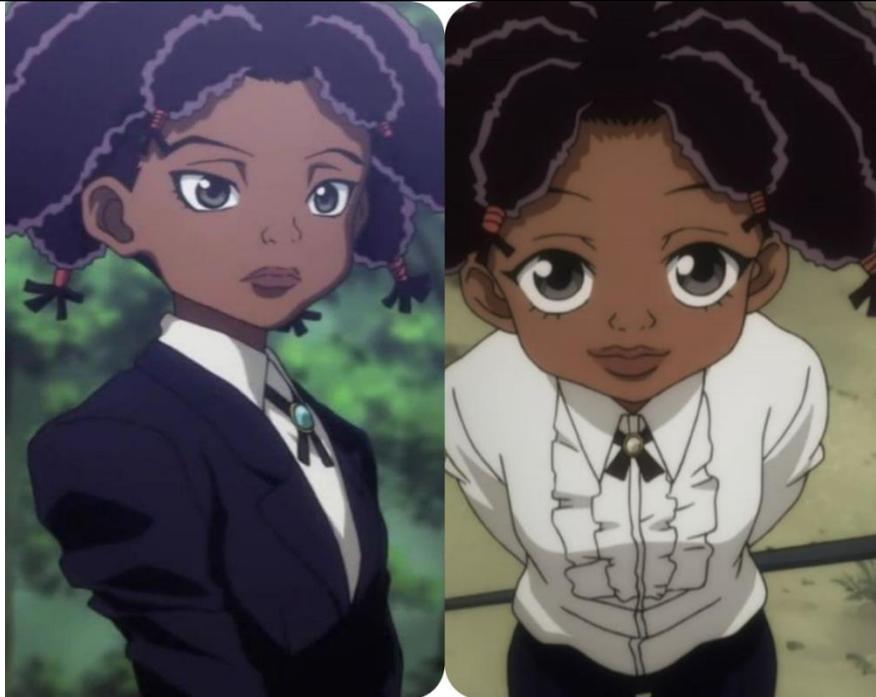
Fonte: Autora.

As características estereotipadas atribuídas à figura da Mammy perpetuam o racismo contra as mulheres negras, restringindo-as a estereótipos que se sobrepõem à sua verdadeira identidade. É crucial compreender que essas representações contribuem para percepções e expectativas equivocadas em relação às mulheres negras em todo o mundo. Embora tenha havido algum avanço na indústria de animação japonesa com a inclusão de mais personagens, não podemos afirmar que de fato haja representatividade. Conforme destacado por Bristot et al. (2017), o termo “representatividade” implica em representar politicamente os interesses de um grupo, uma classe ou uma nação. Nesse sentido, podemos perceber que as mulheres negras ainda estão longe de representar plenamente todos os interesses de seu grupo, pois elas são frequentemente retratadas como personagens superficiais, o que limita a capacidade de representar interesses e experiências diversas das mulheres negras em sua totalidade.

Se por um lado temos uma personagem que evidentemente é estereotipada fisicamente dentro da animação japonesa, como Sister Krone, podemos encontrar

personagens que em um primeiro momento parecem caminhar em outra direção, entretanto há estereótipos embutidos por trás de sua personalidade empoderada, como é o caso de Canary de Hunter X Hunter (2011) (figura 3) e Michiko Malandro de Michiko To Hatchin (2008) (figura 4). Ambas são mulheres empoderadas com suas características e peculiaridades. Canary é uma jovem garota de 12 anos encarregada de cuidar da família Zoldyck, da qual ela é guardiã e aprendiz de mordomo. Ela é responsável por cuidar da segurança e defesa de seus patrões. Apesar de sua aparência ser a de uma garota negra sem traços físicos estereotipados (figura 3), Canary é uma espécie de “negro mágico”, que segundo Burke (2019, p. 233), faz referência ao estereótipo do personagem negro mágico que é descrito na ficção e nos filmes para ajudar o protagonista branco em sua jornada, mas não tem uma história própria. A partir disso, no caso de Canary, sua história se resume a apenas ajudar os personagens da trama e pouco se sabe sobre a sua verdadeira identidade. Embora seja contado no anime em um breve trecho que ela veio de uma cidade chamada Meteoro City, não temos nenhuma informação sobre sua família, quais são suas aspirações e muito menos sobre a sua ancestralidade. Essa falta de desenvolvimento contribui para tornar a personagem invisível, o que acaba por limitar a sua importância dentro da narrativa.

Figura 3: Colagem Canary.



Fonte: Autora.

Outro estereótipo importante a ser ressaltado em Canary é a do termo *Strong Black Woman*, (Mulher Negra Forte), a partir do qual se espera que as mulheres negras suportem todo o sofrimento que lhes é imposto a elas com resiliência. Como as pesquisadoras Donovan e West (2015, p. 385) mencionam, SBW é percebida como uma mulher naturalmente resiliente, capaz de lidar com facilidade com todo o estresse, chateação e trauma que a vida joga nela. Esse estereótipo implica na atribuição de uma força sobre-humana nas mulheres negras, que são consideradas mais fortes e resistentes em comparação às mulheres brancas. E isso se aplica na sociedade atualmente, como é retratado na reportagem de 2020 “Nas maternidades, a dor também tem cor⁵”. A reportagem é um exemplo perturbador de como o estereótipo da SBW influencia a prestação de cuidados médicos e atribui o estereótipo de mulher forte às mulheres negras, e muitas vezes é negada a elas a administração de anestesia durante o parto sob a justificativa de que elas são consideradas capazes de suportar qualquer dor. Essa

⁵ Apublica. Nas maternidades a dor também tem cor. Disponível em:< <https://apublica.org/2020/03/nas-maternidades-a-dor-tambem-tem-cor/#Link1>>. Acesso em 29 de maio de 2023.

abordagem discriminatória revela como o estereótipo da mulher forte é perpetuado em diferentes esferas da sociedade atual, resultando em desigualdades com base na raça.

A percepção de que as mulheres negras são naturalmente fortes e resilientes possui suas raízes baseadas na história de opressão e resistência que elas enfrentaram ao longo dos séculos, principalmente nos períodos de escravidão, quando eram obrigadas a aguentarem em silêncio o seu sofrimento. Para ilustrar esse panorama histórico pode-se citar o discurso impactante de Sojourner Truth *E eu não sou uma mulher?*

Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoite também! E não sou uma mulher? Eu pari 3 treze filhos e vi a maioria deles ser vendida para a escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! E não sou uma mulher? (SOJOURNER TRUTH, 1851, p.1).

Nesse discurso é possível compreender a segregação e a falta de apoio enfrentadas pelas mulheres negras, tanto em relação às demais mulheres quanto em relação aos homens. Para elas não havia o cuidado e eram privadas de assistência, apoio e carinho. Quando Sojourner se questiona se ela também não era uma mulher é porque ela não era tratada como uma, mas sim invisibilizada e masculinizada por ter que suportar tudo sozinha. Embora o estereótipo SBW possa parecer elogioso à primeira vista, ele cria uma carga adicional negativa para as mulheres negras, que são frequentemente obrigadas a suportar o sofrimento e a injustiça sem receber o apoio adequado e necessário. Infelizmente essa realidade persiste até os dias atuais, com as mulheres negras enfrentando desafios adicionais em comparação com outras mulheres brancas e homens brancos e negros. Com base em um passado marcado por adversidades, o estereótipo foi construído em resposta ao longo de um passado que oprimiu as mulheres negras de todas as formas e isso colaborou para uma luta pela dignidade e sobrevivência. A representação de personagens femininas ocidentais na cultura japonesa parece seguir uma linha tênue

entre outros estereótipos que podem impactar negativamente as mulheres negras. Ao analisar Canary, percebemos a complexidade das representações de mulheres negras nos animes. Embora ela pareça inicialmente bem representada, ou seja, sem estereótipos físicos evidentes, é necessário um olhar mais crítico para identificar os clichês e as limitações que possam estar presentes em seu desenvolvimento narrativo.

Além dos estereótipos já mencionados, encontramos outros como, “Jezebel” e “Sapphire”. O primeiro deles retrata mulheres negras como promíscuas e que usam da sensualidade para alcançarem seus objetivos, e o segundo diz que as mulheres negras são raivosas e se utilizam da agressividade para impor respeito a todo o custo. Podemos encontrar essas características na personagem Michiko Malandro (figura 4), da série Michiko To Hatchin (2008).

Figura 4: Colagem Michiko Malandro.



Fonte: Autora.

Mas antes de entrarmos no estereótipo precisamos entender que ele pode se confundir com uma conhecida rainha com origens bíblicas, a rainha Jezebel. É importante esclarecer que o estereótipo Jezebel atribuído às mulheres negras não tem uma base bíblica direta, mas foi construído e perpetuado através de distorções e interpretações raciais carregadas de preconceitos durante o período de escravidão nos Estados Unidos.

A Jezebel retratada na Bíblia era uma rainha poderosa e influente e de uma beleza ímpar, mas sua história é controversa devido à sua idolatria por deuses pagãos além da perseguição aos cristãos de Israel. Jezebel era casada com o rei Acab e sua história aparece na Bíblia no livro de Reis. Lá não é apresentada ao certo sua aparência física, fato que não nos permite afirmar que ela era uma mulher negra. É importante deixar claro que as atitudes ruins de Jezebel da Bíblia não devem servir como parâmetros para categorizar as mulheres negras, aumentando ainda mais os preconceitos existentes. O Primeiro Livro de Reis conta que o rei Acab, marido de Jezebel, queria tomar posse de uma terra que se encontrava perto de sua propriedade em Israel. Ele conversou com o dono, Nabot, e explicou que queria aquela terra e daria uma quantia por ela, porém para sua infelicidade o homem não aceitou a proposta por se tratar de um bem deixado por seus pais como herança familiar. Quando o rei retornou para casa, frustrado com a situação, Jezebel mostrou interesse em saber o motivo. Ele explicou a sua preocupação, e foi então que Jezebel olhou para ele e disse: “Você terá essa terra e não precisa se preocupar”.

A partir disso, a mulher mandou uma carta aos homens mais importantes da cidade para que colocassem Nabot em um lugar de destaque e que viessem até ele dois homens que iriam acusá-lo de ofensas a Deus e ao rei Acab. Com isso, Nabot seria levado para fora da cidade e seria apedrejado até a morte. E assim se cumpriu o que Jezebel queria, e seu marido tomou posse da terra do falecido. É perceptível a grande influência que a mulher detinha. Ao longo do livro de Reis Jezebel é representada como uma mulher perversa que matou, manipulou, acusou e utilizou de artimanhas para atingir seus objetivos.

Em contraponto, o estereótipo Jezebel associado às mulheres negras surgiu durante o período da escravidão nos Estados Unidos, que teve início no século XVII em 1619, e seguiu até 1865, quando foi abolida. Esse estereótipo faz referência às mulheres negras como sexualmente insaciáveis e promíscuas para justificar sua exploração sexual pelos homens brancos. Essa representação racialmente estereotipada foi usada para desumanizar as mulheres negras, negar sua feminilidade e justificar a violência sexual e o abuso a que eram submetidas por seus senhores. Para dar ênfase a esse pensamento Jerald cita West: “A imagem histórica da Jezebel é descrita como de pele clara, promíscua, sedutora, manipuladora e possuidora de um desejo sexual insaciável e foi usada como justificativa para o abuso sexual generalizado de mulheres negras

escravizadas por homens brancos” (WEST, 2008, apud JERALD, 2018, p.2). Quanto ao fato de ser de “pele clara” refere-se às mulheres negras de tons de pele mais claros, popularmente conhecidas como “mulatas”, termo ultrapassado e ofensivo.

O estereótipo Jezebel perpetua ideias racistas e sexistas a fim de tentar justificar o abuso contra mulheres negras, objetificadas e reduzidas a meros objetos de prazer. Na série de anime *Michiko to Hatchin*, Michiko Malandro é uma mulher afro-brasileira e protagonista da animação, que se passa em um país inspirado no Brasil. Quem assiste à série consegue identificar que não é apenas inspirado no Brasil, mas representa a realidade brasileira mais pobre, com as favelas que existem no país. Além disso, a trilha sonora é o típico funk brasileiro. Michiko tem uma personalidade forte, é habilidosa em combate e possui temperamento explosivo. Além do mais, ela é uma criminosa que fugiu da prisão de segurança máxima com a missão de resgatar a filha de um homem com quem teve um relacionamento amoroso no passado e assim poder reencontrá-lo. Podemos perceber que, além dos estereótipos a serem tratados nesse presente trabalho, ela ainda carrega o peso de ser uma criminosa, pobre e que mora nas favelas do Brasil. O que confere estereótipos que as pessoas negras do Brasil vivem à margem da marginalidade e pobreza. Na série a personagem é mostrada de forma bastante sensual e na maior parte do tempo está vestida com roupas decotadas e curtas (figura 5). É importante observar que a representação da personagem dessa maneira colabora com sua objetificação e a disponibilidade do corpo enfatizando a sexualidade que é comumente atrelada a mulheres negras. Observar apenas a parte física das mulheres negras as reduz a simples objetos de prazer e satisfação sexual. Outro ponto a ser levado em consideração é que Michiko é uma mulher que mora em situações precárias, é pobre e marginalizada, um outro estereótipo muito difundido por pessoas que só conhecem os lados negativos do Brasil.

Figura 5: Colagem de Michiko representada de forma sensual.



Fonte: Autora.

Não apenas Jezebel, mas Michiko também carrega o estereótipo de Sapphire como descrito por Collins (2016, p. 104), “Sapphire foi uma personagem negra famosa do show de rádio Amos ‘n’ Andy da década de 1930, nos Estados Unidos. A personagem era retratada como uma mulher negra brava de difícil convivência”. Na animação, Michiko tem sua personalidade explosiva (figura 6) e até mesmo as pessoas ao seu redor não conseguem ter uma boa convivência com ela em determinados momentos. Ao associar o estereótipo de Sapphire às mulheres negras, implica em dizer que elas são constantemente bravas e agressivas ou que têm um temperamento difícil. A limitação desse estereótipo não reflete de fato quem elas são, essas que tem suas emoções como qualquer outra pessoa e que não podem viver à sombra de estereótipos ultrapassados.

Figura 6: Colagem de Michiko Malandro representada com expressões de raiva.



Fonte: Autora.

A invalidação de sentimentos de pessoas negras não é um fenômeno recente, mas pode ser observado ao longo do tempo. Indivíduos negros, principalmente mulheres que em algum momento tentam se posicionar de uma forma mais persistente, são tidas como raivosas, bravas ou explosivas e isso pode ser percebido desde a infância. O silenciamento é uma forma de invalidar os sentimentos de mulheres negras a fim de diminuir suas experiências emocionais. Na infância essa dinâmica de invalidação pode ocorrer dentro das escolas, onde as crianças negras são desencorajadas de expressarem os seus sentimentos. A psicóloga norte americana Amy G. Halberstadt, conduziu em 2020 uma pesquisa para comprovar que professores tendem a enxergar crianças negras como bravas. O estudo “Prospective Teachers Misperceive Black Children as Angry⁶”, (Futuros professores têm uma percepção errônea de que as crianças negras são raivosas), revelou que professores tendem a perceber erroneamente as crianças negras como raivosas, mesmo quando elas não demonstram nenhum sinal de raiva. Essa atribuição negativa

⁶ Apa.org. Prospective Teachers Misperceive Black Children as Angry. Disponível em : <
<https://www.apa.org/news/press/releases/2020/07/racialized-anger-bias>>. Acesso em 30 de maio de 2023.

afeta diretamente na forma como as crianças negras são tratadas pelos educadores em relação às crianças brancas, que colabora significativamente para que o racismo e os preconceitos continuem. É importante salientar que a raiva não é uma emoção exclusiva de pessoas negras, assim como qualquer outra emoção. A expressão emocional varia de pessoa para pessoa, independentemente de sua raça ou sexo. Porém, quando uma pessoa negra demonstra determinada emoção há uma reação exagerada por parte de outras pessoas que dizem que as negras são exageradas nas suas reações. A invalidação de sentimentos por parte de outras pessoas acerca das negras reflete um padrão de preconceitos ainda existentes que desvalorizam as experiências pessoais de cada um. Portanto, é preciso reconhecer os padrões arraigados por uma parcela da sociedade que ainda insiste em desumanizar e desvalorizar os sentimentos dos negros.

Narrativas Interseccionais e Diálogos Transnacionais

A interseccionalidade busca compreender como as consequências das interações de vários eixos dependentes tratando de como racismo e outros sistemas de opressão criam as desigualdades relativas às mulheres, raças e entre outras. Além do mais, através da interseccionalidade é possível observar como as ações políticas geram as opressões que constituem aspectos de privação do poder (CRENSHAW, 2002, p. 177). A abordagem interseccional tenta compreender as desigualdades e opressões que as pessoas enfrentam ao considerar as interações e sobreposições de diferentes sistemas de opressão, a exemplos do racismo, sexismo, e assim por diante. Essa perspectiva reconhece que as experiências e as formas de opressão são moldadas por múltiplos eixos de identidade, que englobam raça, gênero, classe social, entre outros. O viés interseccional nos ajuda a entender como essas opressões se unem e criam desigualdades para mulheres, pessoas de diferentes raças e outras identidades marginalizadas. Historicamente, a representação de mulheres negras nos animes tem sido limitada e estereotipada. Como mencionado antes, as personagens seguem uma linha de personagens secundárias, estereotipadas ou associadas a imagens negativas. Entretanto, se as narrativas interseccionais fossem aplicadas de forma efetiva, elas permitiriam uma maior exploração das experiências das mulheres negras nos animes de forma mais abrangente, abordando não apenas a raça, mas também outras dimensões de identidade. A partir da teoria interseccional é possível entender que as desigualdades não podem ser analisadas isoladamente, mas devem ser vistas em conjunto, levando em consideração a interseção dos diferentes eixos de

identidade. Dessa forma, podemos avançar na busca por igualdade, promovendo ações que reconheçam e confrontem as múltiplas formas de opressão que afetam a vida das pessoas negras.

Ao explorarmos a animação japonesa é importante pensarmos os diálogos transnacionais, pois são eles que permitem uma troca de conhecimentos e influências entre diferentes culturas e regiões do mundo. É a partir dessa troca cultural que ocorrem os processos de transnacionalização, que envolvem a circulação de bens culturais entre países, ultrapassando fronteiras nacionais. Para Frigerio, Alejandro (2013, p. 17), o sistema de transnacionalização cultural implica na circulação de bens de um país para outro ou na forma de conexões que ultrapassam as fronteiras nacionais. Com isso há a disseminação de produtos culturais, como filmes, música, literatura, moda e arte, de um país para outro, resultando em um intercâmbio de ideias e influências que moldam as expressões culturais em diferentes contextos. Assim, a animação japonesa não está limitada somente ao Japão, mas ela tem uma presença significativa em diversos países ao redor do mundo. Através dos diálogos transnacionais, os animes têm alcançado públicos diversificados, proporcionando uma oportunidade para que diferentes culturas sejam expostas à essas narrativas. Como mencionei em pesquisa anterior, (ROZA, 2022, p. 42), “[..]essa troca de bens de origem japonesa no mundo vem criando uma enorme rede de compartilhamento de seus conteúdos com os mais variados tipos de público. As fronteiras já não existem mais e um otaku⁷ do Japão pode se conectar com um otaku do Brasil e vice-versa”. Os fãs de produtos da cultura japonesa não precisam nem falar o mesmo idioma para se comunicarem, é isso que os diálogos transnacionais proporcionam, eles rompem com as barreiras culturais que antes eram inimagináveis. Ao explorarem animes, mangás, jogos e outros elementos da cultura pop japonesa, os fãs se conectam em nível global, criando uma comunidade ampla diversificada independentemente de suas origens culturais ou idiomas nativos, assim eles encontram um terreno em comum de interesse mútuos pela cultura pop japonesa.

O diálogo transnacional ainda visa a troca de ideias e experiências entre seus fãs, como por exemplo, fóruns online, feiras de animes, convenções e encontros de fãs. São

⁷ JW. What is Otaku Culture in Japan?. Disponível em: < <https://jw-webmagazine.com/otaku-what-is-the-otaku-culture-in-japan-2283995b38c0/>>. Acesso em 30 de maio de 2023.

locais onde eles podem interagir e discutir suas paixões. Essas interações proporcionam oportunidades para a troca de conhecimentos, além do compartilhamento de interpretações e a criação de novos laços sociais e de amizade. Porém, é necessário pensar com um olhar mais crítico e nos perguntarmos se há mesmo uma inclusão e representatividade de personagens. Infelizmente, devido aos exemplos mostrados ao longo deste trabalho, ainda podemos perceber que há muito a caminhar. Claro que existem personagens negras que não estão atreladas a estereótipos, como a personagem Sam do anime Cannon Busters, mas a questão que quero trazer aqui é se estamos nos importando com esses estereótipos ou apenas estamos deixando que eles se perpetuem a cada dia? A comunidade negra nos animes tem mesmo o poder de fala dos brancos diante dos gigantes da animação japonesa para que algo seja feito em relação às representações prejudiciais de personagens negros? São questões que quero levantar e que durante todo o percurso de pesquisa me questionei. Durante o último ano de graduação quando me dediquei integralmente a estudar sobre a representação de mulheres negras nos animes me deparei com a falta de protagonismo delas nesse tipo de animação. Muitos poderiam falar que por se tratar de animação japonesa não teria espaço aberto para esses tipos de personagens ou que eles retratam apenas o povo japonês.

Mas sabemos que as fronteiras foram rompidas e os animes não representam em sua totalidade apenas japoneses, na maioria das animações o que prevalece são olhos grandes, pele clara, cabelos de diferentes cores e não os olhos puxados e cabelos pretos típicos do povo japonês. Além disso, a forte influência norte-americana após a Segunda Guerra Mundial levou ao Japão muitos preconceitos e estereótipos sobre os negros, esses que os deixaram marcados como, imorais, raivosos, servos, escravos e entre outros. Isso não quer dizer que já não havia preconceitos em relação a outros povos, mas que sim houve uma grande influência com a vinda de norte-americanos para o território japonês. À medida que questionamos esses estereótipos, se faz fundamental promover diálogos construtivos, conscientizando o público sobre a importância da representatividade como um todo. Somente assim poderemos construir um futuro próximo em que as pessoas negras sejam retratadas de forma respeitosa dentro da animação japonesa, com personagens únicos e com histórias por trás de sua cor.

Considerações finais

No desenvolvimento deste estudo, foram utilizadas técnicas de pesquisa bibliográfica e exploratória. A pesquisa exploratória foi empregada para investigar a representação de mulheres negras nos animes, um tema ainda pouco discutido e com necessidade de estudos mais aprofundados e atuais. Para isso, foram consultados livros, artigos acadêmicos, monografias, teses, sites, blogs e fóruns relacionados à cultura pop japonesa, bem como materiais específicos sobre a representação de mulheres negras nos animes. Na abordagem teórica, foram utilizadas as perspectivas de Stuart Hall para tratar de questões de identidade e representação. As teorias de Donovan, Burke e West contribuíram para a discussão sobre estereótipos raciais e mulheres negras. Essas abordagens foram essenciais na seleção de personagens específicas, permitindo uma análise para além da aparência física, com o objetivo de desvendar os estereótipos raciais que essas personagens carregam. Dessa forma, a metodologia empregada nessa pesquisa envolveu a pesquisa exploratória, levantamento bibliográfico e o uso de abordagens teóricas relevantes. Essas estratégias forneceram uma base sólida para a análise da representação de mulheres negras nos animes, levando em consideração tanto a escassez de estudos sobre o tema quanto as contribuições teóricas pertinentes.

Após uma análise aprofundada, este artigo buscou desvendar a representação das mulheres negras nos animes, revelando as variações e desafios persistentes enfrentados por essas personagens em um contexto cultural específico. Durante a pesquisa, identifiquei uma série de aspectos relevantes que contribuem para uma compreensão mais completa dessa forma de representação dentro dos animes. Uma das principais constatações foi que presença de mulheres negras na animação japonesa ainda é limitada, muitas vezes atreladas a papéis secundários e estereotipados. Ao analisarmos personagens de animes específicos, notamos a persistência das figuras estereotipadas de Mammy, Jezebel, Sapphire, Negro Mágico e a da Strong Black Woman. De três mulheres analisadas: Sister Krone, Canary e Michiko Malandro, em três animes distintos, apenas uma é protagonista da série, Michiko Malandro, e mesmo assim, ela traz consigo estereótipos raciais. Isso confirma que, mesmo quando as mulheres negras são representadas de forma central na história, elas são limitadas a determinados papéis dentro da trama, que não refletem a diversidade das personagens.

Essas descobertas destacam a necessidade de uma maior autenticidade na representação de mulheres negras dentro dos animes, pois muitas são superficiais e estão

presentes para dar apoio ao personagem principal. É fundamental desafiar os estereótipos raciais e oferecer personagens mais complexas, além de trazer representatividade com histórias individuais e representações que reflitam a realidade das mulheres negras de forma mais fidedigna. Isso requer uma abordagem mais inclusiva e sensível, que valorize a multiplicidade de experiências, ressaltando as perspectivas e trajetórias das mulheres negras. Portanto, este artigo visa contribuir para uma reflexão mais crítica sobre a representação de mulheres negras nos animes, incentivando a promoção de narrativas mais representativas. É necessário que a indústria da animação japonesa tente romper com estereótipos arcaicos e ofereça uma representação mais justa, fiel e autêntica, reconhecendo o valor e a importância das vozes negras na construção de narrativas mais ricas e únicas.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA, A. T. **Reis**. In BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada Ave Maria. Tradução dos originais grego, hebraico e aramaico mediante a versão dos Monges Beneditinos de Maredsous (Bélgica), 2021. p. 394-395.

BRISTOT, Paula Casagrande; POZZEBON, Eliane; FRIGO, Luciana Bolan. **A representatividade das mulheres nos games**. Proceedings of SBGames 2017, p. 862-871, 2017.

BURKE, Chesya. **Black women and the new Magical Negro**. African American cinema through black lives consciousness, p. 233-254, 2019.

Collins, Patricia Hill. "**Aprendendo com a outsider within**." *Sociedade e Estado* 31 (2016): 99-127.

CRENSHAW, Kimberle. **Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics**. 1989. Disponível em <<https://chicagounbound.uchicago.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1052&context=uclf>>. Acesso em 29 de maio de 2023.

Donovan, Roxanne A., and Lindsey M. West. "**Stress and mental health: Moderating role of the strong Black woman stereotype.**" *Journal of Black Psychology* 41.4 (2015): 384-396.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**/ Stuart Hall; Organização e Revisão Técnica: Arthur Ituassu; Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. – Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

Jerald, M. (2018). **Respectable Women: Exploring the Influence of the Jezebel Stereotype on Black Women's Sexual Well-Being** (Doctoral dissertation).

Roza, Sabrina Kelly. **Representação de mulheres negras nos animes a partir das personagens Sister Krone e Canary** [manuscrito]: Sabrina Kelly Roza. - 2022. 157f.: il.: color; tabs. Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Karina Gomes Barbosa. Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Departamento de Jornalismo. 1. Anime. 2. Negras 3. Personagem de desenho animado.

Truth, Sojourner, and Amos Paul Kennedy. "**Ain't I a Woman?.**" (1992): 28-29. Disponível em: <https://ia.eferrit.com/ea/a5c5f444adf02644.pdf>. Acesso em 24 de julho de 2023.

WALLACE-SANDERS, Kimberly. **Mammy: A century of race, gender, and southern memory**. University of Michigan Press, 2008.